

CONTRIBUIÇÕES DE SÁNDOR FERENCZI PARA A COMPREENSÃO DOS EFEITOS PSÍQUICOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL¹

Anna Paula Njaime Mendes²;
Cassandra Pereira França³

RESUMO

O presente trabalho consiste em um estudo teórico que apresenta os efeitos da violência sexual na infância sob a ótica de Sándor Ferenczi (1873-1933), psicanalista da primeira geração dos discípulos de Freud o qual conferiu grande importância ao trauma sexual e ao papel do adulto na constituição do psiquismo infantil. Serão analisadas suas contribuições - originadas da clínica com pacientes adultos que haviam sofrido abuso sexual na infância - privilegiando o artigo ferencziano, publicado em 1933, “Confusão de língua entre os adultos e a criança”. A fim de compreender determinados movimentos psíquicos marcados pela ação da clivagem psíquica, pretendemos examinar a descrição de dois arranjos psíquicos: a identificação com o agressor e a progressão traumática ou prematura, aportes teóricos ferenczianos que serão utilizados para uma reflexão clínica.

Palavras-chave: Sándor Ferenczi; violência sexual infantil; clivagem.

ABSTRACT

This article presents theoretical study that shows the effects of sexual violence during childhood according to Sándor Ferenczi ((1873-1933) - psychoanalyst of the Freud's first generation disciples - that gave a great importance to the sexual trauma and to the role of an adult in building the infantile psychism. Originated from the clinical impasses he had faced, his contributions allowed us to guess the richness of his analytical listening, which has made the psychic movement subtleties easier to be noticed, marked in these cases by splitting actions. This way, privileging one of the most important articles by this same author, published in 1933, “Confusion of Tongues between Adults and the Child”, we will follow the theoretical elaborations that led to the description of two psychic splitting destinations: identification with the aggressor and the traumatic progression or precocious maturity, ferenczian theoretical contributions to be used for a clinical reflexion.

Keywords: Sándor Ferenczi; infantile sexual violence; splliting.

O presente trabalho consiste em um estudo teórico sobre os efeitos do abuso sexual na infância sob a ótica de Sándor Ferenczi, autor que conferiu grande importância ao trauma sexual e ao papel do adulto na constituição do psiquismo infantil. Com o objetivo refletir clinicamente sobre as consequências da violência sexual na infância, serão analisadas algumas de suas contribuições originadas da clínica com pacientes adultos que haviam sofrido abuso sexual na infância. Para alcançar esse objetivo, analisaremos principalmente o artigo ferencziano, escrito em 1932 e publicado em 1933 denominado “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, através do qual pretendemos acompanhar as elaborações teóricas que culminaram na descrição de dois destinos para a clivagem psíquica: a identificação com o agressor e a progressão traumática ou prematura.

1.- Apoio: FAPEMIG

2.- Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011), Brasil.

3.- Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000); pós-doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009); professora associada na Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Considerando que o estudo destas duas noções está intrinsecamente ligado à trajetória clínica de Ferenczi, julgamos apropriado percorrê-la sucintamente -apoiando-nos nos escritos de Balint, um de seus principais discípulos- com o intuito de localizar a inserção dessas noções em sua obra e no contexto clínico. Desse modo, antes de concentrar nossa atenção nas teorizações específicas do referido artigo, faremos uma breve apreciação dos textos compilados no Volume IV das suas “Obras Completas” (2011), que referenciam a temática do trauma e da clivagem psíquica.

UMA BREVE EXPOSIÇÃO SOBRE O PERCURSO CLÍNICO DE SÁNDOR FERENCZI

Apesar de contemporâneo de Freud (1856-1939), o psiquiatra húngaro Sándor Ferenczi (1873- 1933) só veio a conhecer seu futuro mestre, analista e amigo em 1908, após a leitura entusiasmada de “A Interpretação dos sonhos” (1900). Demonstrando uma grande capacidade de compreensão do corpo teórico psicanalítico e, ao mesmo tempo, liberdade de pensamento para introduzir novos conceitos, Ferenczi escreveu o seu primeiro artigo, “Transferência e introjeção”, em 1909. Desde então, a forte inserção no movimento psicanalítico e sua grande habilidade em manejar, com diplomacia, assuntos conflituosos, levaram-no a fundar a International Psychoanalytical Association (IPA). Enfim, sua originalidade e talento clínico foram qualidades que levaram Freud a tê-lo em alta conta, apelidando-o de seu “paladino” ou “grão-vizir secreto” (Bokanowski, 2000). Não obstante, mais adiante a ousadia intelectual de Ferenczi permitiu-lhe aprofundar temas que haviam se tornado problemáticos para Freud. Desrespeitando o pedido do mestre para que não divulgasse seus achados sobre a concretude da sedução, apresentou o artigo que nos servirá de guia neste trabalho, “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (1933[1932]).

Apesar de suas contribuições inovadoras terem influenciado grandes teóricos, como Melanie Klein, Donald Winnicott e Michael Balint, isso não impediu que essas caíssem no esquecimento, devido à rejeição dos colegas às suas experiências clínicas. Para acompanharmos melhor seu trabalho e os percalços que o condenaram no meio psicanalítico, examinaremos com mais vagar o desenvolvimento de sua produção.

O percurso do autor que ora estudamos foi dividido por Balint (1967/2011) em três fases, demarcadas entre si por importantes alterações técnicas e teóricas. Na primeira e mais longa dessas fases (1908-1927) Ferenczi debruçou-se sobre o estudo aprofundado da técnica psicanalítica clássica, caracterizada pela objetividade, neutralidade e paciência ilimitada, com também iniciou a transição para sua polêmica técnica ativa, baseada em intervenções diretivas, orientadas pela observação atenta da transferência. Apesar dos êxitos terapêuticos e do rico material clínico resultante da aplicação dessa nova técnica, Ferenczi precisou admitir que determinados pacientes não haviam sido beneficiados.

Tendo como princípio norteador básico de sua prática clínica que enquanto um paciente desejasse prosseguir com o tratamento caberia ao analista encontrar uma forma de ajudá-lo, independentemente das dificuldades dessa tarefa, o fracasso da técnica ativa em alguns casos representou uma “provocação irresistível” (Balint, 1967/2011). A busca pelo aperfeiçoamento marcou o período seguinte (1927-1928) e levou Ferenczi a modificar suas intervenções no sentido de focalizar a atenção nas expectativas do paciente em relação ao analista, que deveria flexibilizar-se ao máximo. Os textos resultantes dessa fase -”A adaptação da criança à família” (1928[1927]/2011), “O problema do fim da análise” (1928[1927]/2011) e “Elasticidade da técnica psicanalítica” (1928[1927-1928]/2011) - mostram que Ferenczi, inicialmente, atenuou a força de suas intervenções e, ao invés das ordens e interditos da técnica ativa, optou por conselhos e sugestões. Posteriormente, abandonou por completo mesmo a mais suave forma de intervenção, e foi corajoso o bastante para admitir e publicar que o aumento da tensão provocada por sua técnica ativa levava muitos de seus pacientes a uma espécie de reativação infrutífera das experiências traumáticas da infância.

A propósito, o retorno insistente dos traumas psíquicos durante as sessões foi, gradualmente, tornando-se um problema central para Ferenczi: em sua concepção, o traumatismo psíquico resultava não só do evento traumático em si, mas também da reação dos adultos e de sua indiferença diante do sofrimento da criança. Assim, Ferenczi concluiu que algumas das regras fundamentais da técnica psicanalítica tradicional, como a abstinência e a neutralidade do analista, poderiam ser, em muitos casos, iatrogênicas (Kupermann, 2008). Em outras palavras, “a técnica analítica clássica podia, em certos casos, produzir estados semelhantes [ao trauma], na medida em que levava o paciente a rememorar ou a repetir o traumatismo original enquanto o

analista mantinha sua passividade benevolente e objetiva.” (Balint, 1967/2011, p. XXI).

No terceiro período (1928-1933), uma significativa queda em sua produção científica parecia indicar uma crise intelectual. De fato, a história do movimento psicanalítico aponta para uma crescente indisposição e distanciamento entre Ferenczi e a sociedade psicanalítica (Balint, 1967/2011). Incerto, talvez, da acolhida que seus textos receberiam, passou a não mais publicar suas observações. Na verdade, seus principais artigos dessa época só foram traduzidos para a língua inglesa mais de vinte anos após sua morte, e só passados mais de trinta anos foram publicadas suas obras completas em francês. No Brasil, a primeira edição saiu ainda mais tardiamente, em 1991 e 1992. Esgotada já há algum tempo, acaba de ser relançada neste ano (2011), sem grande repercussão na comunidade psicanalítica.

Apesar da produção escassa - apenas um artigo a cada ano -, o terceiro período foi marcado por importantes avanços teóricos sobre o trauma psíquico, as noções de desmentido e clivagem psíquica (“A criança mal-acolhida e sua pulsão de morte” (1929/2011), “Princípio de relaxamento e neocatarse” (1930[1929]/2011), “Análise de crianças com adultos” (1931/2011) e “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (1933[1932]/2011)). A técnica e os resultados clínicos obtidos nessa fase refletiam a solução encontrada por Ferenczi para fixar os limites de tolerância e complacência com que o analista deveria tratar seu paciente: tal qual um adulto afetuoso trataria uma criança. Nesse sentido, afirmava que, caso as interpretações se mostrassem inúteis, o analista, em uma atitude de acolhimento diante do sofrimento do paciente, poderia recorrer à afeição e à gentileza sinceras. Anos depois, Balint, um de seus principais discípulos, questionaria se a inserção dessas experiências afetivas no setting analítico seria legítima ou expressaria “somente o sintoma do imenso desejo de amor e de afeição que Ferenczi carregava consigo?” (Balint, 1967/2011, p. XXIII).⁴

O estranhamento geral provocado por essas novidades ferenczianas parece ter sido o principal motivo pelo qual sua vasta obra (compilada nos quatro volumes das “Obras Completas”) acabou sendo relegada a segundo plano por tanto tempo. Assim, mesmo cientes das críticas, demarcamos elaborações ferenczianas frequentemente retomadas nas pesquisas sobre a violência sexual infantil, pois indicam alguns destinos psíquicos para a criança e apresentam os desafios enfrentados pelo analista nesses casos.

CONFUSÃO DE LÍNGUA ENTRE OS ADULTOS E A CRIANÇA

Os primeiros contatos com os textos de Ferenczi já nos permitem perceber que sua sensibilidade clínica é o ponto de atração mais forte em sua obra. Nós, que trabalhamos com a temática da violência sexual infantil, logo nos envolvemos com uma descrição sobre os efeitos dessa vivência no psiquismo infantil e a dificuldade para o restabelecimento da confiança nos adultos, que traz consequências diretas para o manejo transferencial no processo analítico.

Ecossignificativos entre suas observações e nossa prática clínica levaram-nos a relevar as críticas de alguns autores que consideraram a abordagem do traumatismo sexual no texto “Confusão de língua entre os adultos e a criança” como uma retomada ingênua da teoria da sedução freudiana (Pinheiro, 1995). Aliás, compreendemos exatamente o contrário: que a grande contribuição da qual poderíamos tirar um efetivo proveito encontrava-se nas elaborações de Ferenczi sobre o trauma. Afinal, ao focar os efeitos da sexualidade do adulto sobre a criança, ele acaba dimensionando devidamente a importância conferida ao papel do outro na constituição do psiquismo infantil - oportunidade perdida por Freud ao abandonar sua primeira teoria da sedução⁵.

4.- Por outro lado, Figueiredo (2003) chegou a conclusões importantes para a teoria da técnica psicanalítica a partir das experiências clínicas de Ferenczi, ressaltando que diante das manifestações da clivagem, especialmente presentes em pacientes borderlines, a interpretação deve possuir a “(...) finalidade fundamental de reconhecimento (espelhamento) da parte cindida e de sua experiência até então invalidada” (p. 32).

5.- Temos que reconhecer que tanto Freud quanto Ferenczi acabaram se atendo aos extremos da sedução, como se ela precisasse ser, necessariamente, mito ou verdade. Este ponto foi retomado por Jean Laplanche, que considerou o artigo de Ferenczi sobre a confusão de língua como um prefácio à sua teoria da sedução generalizada, e avançou justamente por matizar a sedução considerando-a mito e verdade, desenvolvendo as relações entre a sedução e as formas pelas quais a sexualidade chega à criança.

Para além dessa querela psicanalítica, os estudos de Ferenczi sobre o traumatismo resultante da sedução nos ajudam a entender os efeitos psíquicos da violência sexual sobre a criança. Também nessa direção, Cromberg (2004) destaca como grande mérito de Ferenczi o fato de ter conseguido realocar na teoria psicanalítica “a compreensão dos efeitos psíquicos do sofrimento causado pelos incestos que aconteciam verdadeiramente” (p.38), tentando chamar a atenção para o fato de que o conhecimento psicanalítico sobre as vicissitudes do Édipo na criança não deveria excluir o reconhecimento da realidade das violências homo ou heterossexuais, frequentemente intrafamiliares. Aliás, o tom dos relatos de Ferenczi sobre o perfil dos adultos abusadores e o contexto insuspeito da violência sexual infantil mostra-se plenamente condizente com as pesquisas atuais, as quais informam que 75% das vítimas conhecem seus agressores, dos quais quase a metade pertence ao círculo familiar da criança (Fuks, 2006). Assim, se não tivéssemos acesso à fonte da citação abaixo, poderíamos assemelhá-la ao retrato da realidade cruel que veio à tona em nosso país, especialmente após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990:

Mesmo crianças pertencentes a famílias respeitáveis e de tradição puritana são, com mais frequência do que se ousaria pensar, vítimas de violências e de estupro. São ora os próprios pais que buscam um substituto para suas insatisfações dessa maneira patológica, ora pessoas de confiança, membros da mesma família (tios, tias, avós), os preceptores ou o pessoal doméstico que abusam da ignorância e da inocência das crianças. (Ferenczi, 1933[1932]/2011, p. 116).

Essas e outras afirmações ratificam a grande importância histórica do último artigo de Ferenczi. Escrito em 1932 para o XII Congresso Internacional de Wiesbaden, “As paixões dos adultos e sua influência sobre o desenvolvimento do caráter e da sexualidade da criança” foi publicado em 1933, ano de sua morte, com um novo título, “Confusão de língua entre os adultos e a criança (A linguagem da ternura e da paixão)”.

Naquela época Ferenczi arriscou sua reputação no meio psicanalítico - já desgastada devido às suas extravagâncias técnicas - ao sustentar, categoricamente, algo que já vinha sendo apresentado em outros trabalhos: um retorno à primazia do traumático. Afinal, em sua experiência, o traumatismo não era apenas o resultado de uma hipersensibilidade constitucional da criança, mas uma consequência do choque entre a ternura da criança e as respostas passionais ou perversas do adulto. Assim, em 1932, apenas confirmou aquilo que já havia anunciado em 1930: “estou de novo tentado a atribuir, ao lado do complexo de Édipo das crianças, uma importância maior à tendência incestuosa dos adultos, recalcada e que assume a máscara da ternura.” (Ferenczi, 1930[1929]/2011, p. 64, grifo do autor).

Ultrapassando as críticas, o esforço de Ferenczi para demonstrar as repercussões da negligência imputada ao fator traumático na etiologia das neuroses mostrou o perigo decorrente desse descuido nas análises, ou seja: “o de se recorrer a explicações apressadas, invocando a predisposição e a constituição” (Ferenczi, 1933[1932]/2011, p. 111). Neste sentido, Kupermann (2008) explica que o trauma em Ferenczi não é decorrência da estruturação do psiquismo, mas “um efeito devastador de uma não adaptação do ambiente (...) aos delicados processos envolvidos na constituição subjetiva da criança.” (p. 149).

Devemos lembrar, ainda, que a empreitada ferencziana em busca da revalorização da realidade factual não desconsiderou os desenvolvimentos freudianos sobre a realidade psíquica e o Complexo de Édipo; pelo contrário, foi essencial para delinear os desdobramentos desses elementos cruciais para a constituição psíquica infantil em condições desfavoráveis, ou seja, quando a criança se depara com um adulto perverso. Enfatizou como as fantasias edípicas da criança podem preparar o caminho para o adulto perverso ao facilitar sua aproximação, pois a criança quer mesmo seduzir - sentar no colo, acariciar, beijar - mas espera que tudo isso retorne na mesma moeda, na linguagem da ternura; contudo, quando a sexualidade genital adulta impõe uma excitação excessiva ao seu pequeno corpo, as fantasias inconscientes de sedução em relação ao adulto tendem a se confundir com a realidade, provocando a emergência de um forte sentimento de culpa na criança vítima de violência: sua onipotência faz com que acredite que, se foi capaz de provocar o desejo do adulto, então deve merecer sofrer as consequências de seu próprio desejo.

Desse modo, se a sexualidade infantil tipicamente pré-genital, normalmente vivenciada no nível da fantasia e dos jogos, recebe como resposta a sexualidade genital do adulto, o processo de desenvolvimento psicosssexual tende a ser paralisado:

desse encontro nefasto entre o desejo edípico e a invasão do desejo perverso do adulto só brotará angústia

(...). A função simbólica do Édipo, qual seja, a de domínio psíquico, que, com a ameaça de castração, viria sancionar a interdição do incesto, está cancelada” (França, 2010, p.167).

Trata-se de uma excitação excessiva e inesperada para o corpo e o psiquismo da criança, despreparados para tais sensações. Essa é a “confusão de língua” mencionada no título do artigo: o encontro da ternura infantil (a sexualidade pré-genital e lúdica) com a paixão do adulto (a sexualidade genital), que pode ir da estimulação erótica precoce e excessiva do corpo infantil até uma relação genital completa.

Para Ferenczi, outra consequência comumente observada entre seus pacientes adultos que relatavam abusos sexuais na infância era a fixação em uma atitude de passividade extrema: “A criança de quem se abusou converte-se num ser que obedece mecanicamente, ou que se fixa numa atitude obstinada; mas não pode mais explicar as razões dessa atitude” (Ferenczi, 1933[1932]/2011,

p. 118). A partir dessa constatação, o autor desenvolveu a hipótese metapsicológica de que uma clivagem de extensão variável seria responsável por preparar o terreno para a instalação de configurações psíquicas permeadas pela passividade.

A CLIVAGEM NA OBRA FERENCZIANA

O termo Spaltung (clivagem) foi utilizado por muitos nomes importantes da psiquiatria do final do século XIX com a finalidade de descrever a divisão da personalidade e da consciência nos estudos sobre a esquizofrenia, o automatismo mental, a hipnose e a dupla personalidade. Na obra freudiana, a noção atravessou algumas modificações depois que Breuer e Freud descreveram a clivagem da consciência (Bewusstseinspaltung) no transe hipnótico e na cena histérica, contexto no qual a clivagem se configurava como um termo geral, referente à ruptura da unidade psíquica ou da personalidade. Mais tarde a palavra clivagem designou a divisão do aparelho psíquico em seus diferentes registros (consciente, pré-consciente, inconsciente) e, em 1923, em “O Ego e o id”, foi utilizada para descrever um tipo de fragmentação ou ruptura egoica própria da patologia de personalidade múltipla. Não obstante, na opinião de Kaufmann (1996), a transformação do termo clivagem em um conceito psicanalítico com especificidades somente aconteceu em 1927, a partir do artigo “Fetichismo”, no qual passou a ser articulado especificamente ao ego (Ichspaltung) e ao ato de recusar (Verleugnung). Nesse momento da teorização freudiana e, posteriormente, em 1938, a clivagem egoica foi relacionada à rejeição de um fragmento da realidade, que poderia ocorrer quando esse fragmento se contrapõe à satisfação pulsional, ou quando é excessivo e ameaça o ego em sua integridade. Seja como for, o resultado da clivagem egoica consiste sempre na formação de duas atitudes opostas que convivem lado a lado sem entrar em conflito.

Freud e Ferenczi, apesar de usarem o mesmo termo, referiram-se a processos diferentes no que diz respeito tanto à origem da clivagem quanto aos arranjos psíquicos dela resultantes. Para Ferenczi, a clivagem psíquica é consequência de um traumatismo e está diretamente relacionada com a tentativa de encobrir a percepção traumática e com manifestações de desorientação psíquica. Na obra desse autor, a noção assemelha-se mais à descrição freudiana da personalidade múltipla (1923b) do que propriamente à clivagem do ego em duas correntes opostas, tal como foi definida em 1927 e 1938. Além de ser descrita como uma forma privilegiada de lidar com traumas graves, a clivagem ferencziana também é o mecanismo responsável por instaurar um estado de passividade psíquica, observado nos processos analíticos como um tipo de transferência marcado pelo amor e submissão excessivos, o qual é aparentemente favorável ao tratamento, mas resulta, paradoxalmente, na intensificação da angústia.

No texto “O problema do fim da análise” (1928[1927-1928]/2011), Ferenczi refere-se à clivagem da personalidade como um sintoma, aproximando-a da questão identificatória ou egoica com que Freud lidou em “O ego e o id” (1923b): “todos os casos da chamada ‘clivagem da personalidade’ [apresentam-se] como sintomas de uma insinceridade parcialmente consciente que coage certas pessoas a manifestar alternadamente apenas partes de suas personalidades.” (Ferenczi, 1928[1927-1928]/2011, p. 18).

Em 1933, as expressões “clivagem da personalidade” ou “clivagem psíquica” -utilizadas como sinônimos por Ferenczi- voltam a aparecer em sua obra, vinculadas a uma etiologia bastante específica: os traumatismos infantis, especialmente o traumatismo sexual. Ferenczi enfatiza que na origem da clivagem da personalidade está uma situação insuportável e extremamente aflitiva, capaz de desencadear intensas crises de angústia

acompanhadas por perda de consciência.

Ao longo do artigo de 1933, o autor argumenta ainda que “Se a criança se recupera de tal agressão [a violência sexual], ficará sentindo, no entanto, uma enorme confusão; a bem dizer, já está dividida, ao mesmo tempo inocente e culpada, e sua crença no testemunho de seus próprios sentidos está desfeita.” (p. 117, grifos nossos). Em outro exemplo, o autor reitera que o fator que se mantém na clivagem é a relação intrínseca com o choque traumático:

(...) não existe choque, nem pavor, sem um anúncio de clivagem da personalidade. A personalidade regride para uma beatitude pré-traumática, procura tornar o choque inexistente (...). Se os choques se sucedem no decorrer do desenvolvimento, o número e a variedade dos fragmentos clivados aumentam, e torna-se rapidamente difícil, sem cair na confusão, manter contato com esses fragmentos, que se comportam todos como personalidades distintas que não se conhecem umas às outras. (p. 119)

Enfim, no artigo póstumo “Reflexões sobre o trauma” (1934[1931-1932]/2011), no qual estão compilados seus escritos sobre a temática do traumatismo psíquico, encontramos a ideia de clivagem da personalidade como uma forma de tornar o trauma inexistente, uma “falsificação otimista” que teria como objetivo fazer o sujeito retornar à tranquilidade anterior. Nesse sentido, a clivagem, que pode ter extensões variáveis e diferentes graus de profundidade, encarregar-se-ia de não permitir o acesso ao psiquismo de partes insuportáveis da experiência traumática. Mas, afinal, quais seriam os destinos quando o mecanismo de clivagem predomina no funcionamento psíquico? Para Ferenczi, na base das mais diversas patologias que podem se originar a partir da clivagem destacam-se a identificação com o agressor e a prematura ou progressão traumática.

IDENTIFICAÇÃO COM O AGRESSOR E PROGRESSÃO TRAUMÁTICA

Segundo Laplanche e Pontalis (1975), a primeira referência à noção de identificação com o agressor foi feita por Anna Freud, em seu livro “Os mecanismos de defesa do ego” (1936/1996); no entanto, a história nos mostra que, quatro anos antes dessa publicação, Ferenczi já procurava entender determinadas manifestações transferenciais de extrema submissão e formulava a noção de identificação com o agressor. Tal rumo se justificava pelos problemas clínicos com os quais se deparou, principalmente aqueles que se referiam à repetição do trauma nas sessões de análise, os quais mostravam como, através da identificação inconsciente e de uma regressão psíquica, o analista era colocado no lugar do agente original do trauma, ocupando uma posição autoritária. Essa situação demonstrava o quanto esses pacientes abusados haviam se tornado reféns da repetição traumática das cenas de abuso sexual que impregnava a passividade em seu psiquismo.

Após várias tentativas de manejo técnico desse contexto transferencial, Ferenczi voltou a questionar suas intervenções. Diante do impasse clínico, o autor relata que sua primeira hipótese foi que as repetições incessantes seriam reflexos das resistências subjacentes a um forte recalçamento, o qual só poderia ser desfeito por etapas, permitindo que o paciente passasse várias vezes pela mesma situação de angústia; no entanto, direcionando sua atenção para algumas atitudes específicas desses pacientes, notou que eles, apesar de serem extremamente obedientes e demonstrarem aceitar suas interpretações, costumavam surpreendê-lo com explosões de raiva, durante as quais o acusavam de ser insensível e cruel. Estranhando tais reações, uma vez que sua técnica o levava a ser muito acolhedor com seus pacientes e a valorizar extremamente os afetos transferenciais, Ferenczi concluiu que encenavam a experiência original de violência e provinham de um objeto agressor internalizado, que continuava a atacar, agora, desde o interior do psiquismo.

Na descrição de Ferenczi, a identificação com o agressor ocorre quando o medo da criança diante da autoridade e da força do adulto chega ao ponto de provocar uma perda de consciência que paralisa as reações normais de repulsa ou resistência à agressão e impossibilita o recurso a qualquer tipo de defesa contra o desprazer. Nesses casos, a solução encontrada pelo psiquismo é tornar o agressor intrapsíquico:

As crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar, mesmo em pensamento, contra a força e a autoridade esmagadora dos adultos que as emudecem, podendo até fazê-las perder a consciência. Mas esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as

a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor. (p. 117, grifos do autor)

Ao se fazer o agressor deixar de ser um outro, externo, este passa a ser submetido ao processo primário, modelado segundo o princípio do prazer. Tal processo resulta, sem dúvida alguma, na minimização da ameaça externa, porém provoca a clivagem do próprio ego. Assim, a identificação com o agressor parece instalar duas figuras no psiquismo, representantes da cena da agressão: a criança abusada e maltratada, que representa o ego fragilizado, e o agressor, atuando de forma semelhante ao superego sádico. Os resultados que advêm da interação entre essas duas figuras psíquicas podem originar diferentes arranjos.

Quando não é possível as percepções e sensações da experiência traumática entrarem no esquema do recalçamento e da neurose - devido à radicalidade das circunstâncias ou à própria fragilidade infantil - o psiquismo pode ser obrigado a defender-se da excitação massiva através do mecanismo da rejeição e clivagem, solução que abre caminho para o estabelecimento da identificação com o agressor. Ao tentar manter a vivência traumática isolada no psiquismo, sem assimilação relativamente ao restante dos conteúdos psíquicos, consegue-se controlar a angústia, mas decorre dessa atitude um desligamento (de extensão variável) entre o ego e a realidade que pode encontrar expressão não só na exigência de submissão sem limites de si próprio, mas também nas perversões, através da repetição estereotipada, em ato, dos abusos sofridos. Essa estratégia do psiquismo -na qual o ego fica obrigado a seguir os comandos do invasor para tentar se livrar de sua tirania e perseguição implacável- representa o caminho da repetição compulsiva do trauma e está atrelada a uma diminuição geral da atividade psíquica, aspecto frequentemente constatado nos atendimentos a essas crianças através do empobrecimento do brincar, dos processos criativos, das fantasias, e pela inibição da capacidade de pensar.

Se, por um lado, o psiquismo não puder suportar a parte que representa o agressor, esse fragmento será projetado para o mundo externo, movimento que propicia ou facilita encontros nos quais o objeto irá “encarnar” essa projeção, sendo levado a agir como um sádico. Assim, novamente diante do agressor, só restará ao indivíduo a submissão e a obediência: a reedição da cena traumática na qual, originalmente, foi obrigado a se calar para garantir sua sobrevivência. Nesse arranjo da identificação com o agressor, entendemos que o ego, mesmo submetido e maltratado, é preservado em alguma medida - o que facilita a intervenção clínica (Mendes, 2011).

Outra configuração possível da identificação com o agressor se dá quando a parte violentada e frágil é considerada insuportável e, então, é projetada para o exterior. O resultado é que esse indivíduo tentará destruir o que projetou no mundo externo, agindo, ele próprio, como abusador, mimetizando o comportamento daquele que o agrediu, geralmente com alguém que considera semelhante a si mesmo quando era submetido à agressão. Para esse “novo abusador”, crianças mais novas constituem alvos óbvios, por sua fragilidade e pela facilidade com que são colocadas em posição de obediência. Nesse arranjo, o sadismo e a agressividade voltada para o meio externo são bastante evidentes, mas a face complementar masoquista também pode ser inferida, já que o indivíduo passa a agredir no outro justamente a projeção de seu ego infantil maltratado. Nesse arranjo, a projeção do próprio ego acarreta graves prejuízos a esse indivíduo, especialmente no que se refere a uma perda de contato com o seu mundo interno e com a realidade circundante (Mendes, 2011). Neste sentido, concordamos com Uchitel (2001) quando afirma que a criança identificada com o agressor “é triplamente vítima: por não ter mais o objeto idealizado que perde, por ser objeto de agressão e por converter-se ele mesmo em agressor” (p. 124).

Ao lado da identificação com o agressor, Ferenczi descreveu o curioso fenômeno da progressão traumática ou prematura, o qual também considera como um possível resultado da clivagem pós-traumática. Segundo o autor, quando um grave abandono ou uma grande aflição, acompanhados de angústia de morte, abatem-se sobre a criança, há um despertar de capacidades que só deveriam se manifestar na idade adulta: “a criança que sofreu uma agressão sexual pode, de súbito, sob a pressão da urgência traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade” (Ferenczi, 1933[1932]/2011, p. 119). Essa eclosão súbita de novas faculdades em resposta ao choque traumático ocorre não só no plano emocional, mas também no intelectual: afinal, para que a criança possa proteger-se “do perigo que representam os adultos sem controle, ela deve, em primeiro

lugar, saber identificar-se com eles” (Ferenczi, 1933[1932]/2011, p. 120). Isto significa que, em um quadro oposto ao da regressão traumática, a criança que sofre uma violência sexual pode ativar muito cedo, e de forma estereotipada, as emoções e aptidões de um adulto -tal como ocorre os “frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere” (Ferenczi, 1933[1932]/2011, p. 119)- palavras que podem ser justapostas às de Kupermann (2008), quando fazendo reflexões clínicas, deduz que a prematuração é responsável pela destruição da sensibilidade e pela incorporação de um saber alheio à produção de sentido por parte do sujeito, o que se pode reconhecer na pobreza erótica e no enfraquecimento da potência de fantasias e de imaginar presente em muitos dos que recorrem hoje à clínica, para os quais o peso do real é esmagador. (Kupermann, 2008, p. 154-155)

Mesmo que, nesse contexto de dor e solidão, a saída encontrada pela criança seja tornar o agressor intrapsíquico, seu medo diante da autoridade do adulto continuará provocando a paralisação das reações normais de repulsa ou resistência à agressão, impossibilitando a utilização de recurso a qualquer tipo de defesa contra o desprazer. Culpada por haver um dia desejado, está destinada ainda a introjetar o sentimento de culpa de um adulto agressor, que demonstra negação e remorso. Visto que esta criança tem todas as razões para não confiar no adulto e para resistir a uma aliança terapêutica, como irá se posicionar diante do analista? Vejamos o que Ferenczi, com sua vasta experiência clínica, tem a ensinar sobre esse impasse analítico.

MANEJO TÉCNICO COM PACIENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Ao usar a técnica psicanalítica para tratar de casos de pacientes que haviam sido molestados sexualmente em sua infância, Ferenczi logo compreendeu que por trás da docilidade e da transferência positiva havia um estado de extrema passividade que os obrigava a permanecer submissos à sua autoridade e à dor que lhes era infligida pelo tratamento. A partir dessa observação paradoxal, concluiu que estava lidando com psiquismos que funcionavam predominantemente através do mecanismo de clivagem e, apesar da transferência positiva e do empenho no tratamento, esses pacientes percebiam que cada sessão os conduzia a sofrimentos intensos e, por causa disso, também sentiam ódio do analista.

Com a finalidade de interromper o ciclo de submissão que constatou nesses pacientes, Ferenczi apostou no estabelecimento de uma relação de confiança no setting como componente fundamental. Acreditava que somente a profunda autenticidade e a abertura do analista à escuta das críticas e o reconhecimento de seus próprios erros poderiam conquistar a confiança do paciente, considerada o elemento que “(...) estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatogênico. Esse contraste é indispensável para que o passado seja reavivado, não enquanto reprodução alucinatoria, mas como lembrança objetiva”. (Ferenczi, 1933[1932]/2011, p. 114-115, grifo do autor)

Ferenczi temia que a insensibilidade do analista, camuflada sob a capa da neutralidade, pudesse empurrar o analisando em direção à reprodução do trauma na transferência, pois, ao se deparar com a frieza do analista, a única saída seria a revivescência do momento traumático -no qual a criança, por não ter a quem recorrer, precisou clivar seu psiquismo para suportar o medo-, que se manifesta então como uma forte crise de angústia ou dissociação: “Não surpreende que o paciente não possa fazer outra coisa senão repetir exatamente, como quando da instalação da doença, a formação dos sintomas desencadeados por comoção psíquica.” (Ferenczi, 1933[1932]/2011, p.115).

Se esperamos que a revivescência do momento traumático conduza à ab-reação de uma grande quantidade de afetos inconscientes, ajudando na cura dos sintomas, na experiência de Ferenczi com pacientes traumatizados esse processo não conduzia a um desfecho satisfatório, e sim, apenas a uma repetição da cena traumática. Tal constatação o impulsionou no caminho da implementação de mudanças tanto em sua postura como analista quanto na própria condução do tratamento. Com o objetivo de levar seus pacientes a confiar novamente em um adulto, Ferenczi passou a empenhar-se em uma atitude empática, que pudesse diminuir as chances de uma retraumatização durante a análise. Na verdade, ao afirmar que o paciente severamente traumatizado, nos momentos de crise, é “como uma criança que não é mais sensível ao raciocínio mas, no máximo, à benevolência (Freundlichkeit) materna” (Ferenczi, 1933[1932]/2011, p. 115), Ferenczi insistia na necessidade de que o analista mantivesse um contato emocional genuíno com o paciente regredido. Sua

conclusão foi que, com esse manejo técnico, os momentos de maior descontrole tinham sido atenuados e, mesmo que ainda ocorressem, não acarretavam mais aos pacientes um desequilíbrio psíquico tão danoso quanto antes.

UMA LEITURA PROVEITOSA

De nossa parte, após reunir essas contribuições de Ferenczi para a temática da violência sexual infantil, concluímos que suas teorizações possuem uma importância incontestável para os profissionais de saúde que trabalham nesse campo. Figueiredo (2003) ressalta como principal mérito de Ferenczi o fato de jamais haver renegado o infantil e a dimensão da passividade radical e original do ser humano. Ao retomar a problemática do traumático e das clivagens, Ferenczi destacou a dimensão social das experiências traumáticas através da noção de desmentido - um dos pontos mais originais de suas elaborações -, no sentido de que “o traumático não residiria apenas no abuso e na violência cometida contra a criança, mas na recusa (por incapacidade ou má-fé) por parte do mundo adulto em reconhecer e acolher o episódio” (Figueiredo, 2003, p. 20).

Não obstante, cumpre fazer uma ressalva sobre essa criança ferencziana aparentemente frágil, desprovida de recursos de defesa e facilmente atingida pelos eventos externos. Em nossa clínica do Projeto CAVAS/UFMG, acompanhamos casos em que a violência sexual, apesar de parecer muito grave, não comprometeu psicologicamente a criança, que já havia construído barreiras para lidar com os impactos do ambiente, através de experiências estruturantes anteriores, contexto que lhe permitiu prosseguir em seu desenvolvimento. Em outras situações, observamos que um avanço sexual sutil arremessou o paciente a um estado de desorganização tão grave que nem mesmo anos de análise pareciam capazes de abrandar. É fato que, geralmente, constatamos nas anamneses dessas crianças a presença de uma fragilidade extrema e grande dificuldade em lidar com as frustrações desde os primeiros anos de vida, o que muitas vezes coincide com a dificuldade em estabelecer um laço afetivo com o par parental que possa suprir, minimamente, suas necessidades narcísicas.

Assim, entendemos que a violência sexual em Ferenczi não é, por si só, traumática. Como explica Kupermann (2009), o trauma ferencziano advém da ausência de um acolhimento que possa ajudar a criança a dar algum sentido à experiência vivida. A noção de desmentido surge para descrever a negação da realidade do evento traumático não pela própria criança (como acontece na rejeição ou recusa freudianas), mas justamente pelos adultos à sua volta. Nesse raciocínio, quando a criança procura relatar sua experiência, mas é desacreditada, ela é levada a negar suas próprias sensações corporais e a desvalorizar o ocorrido, fazendo com que a inscrição psíquica da violência sofrida fique dissociada da totalidade de seu ego. É a falta de um testemunho e da presença sensível que lhe é inerente que torna o acidente inenarrável e traumático. Por outro lado, o acolhimento da criança e da sua linguagem admite a polissemia da palavra e a criação de sentidos inéditos para a experiência do viver, constatação que nos leva a considerar indispensável o alerta feito por Kupermann (2008) de que

Na era do abandono e da insensibilidade em que vivemos, persistir em uma leitura estrutural para o trauma, referente ao assujeitamento do psiquismo às forças sempre excessivas da pulsão, desprivilegiando o papel do ambiente e mesmo do contexto sociocultural no qual a questão do trauma é problematizada, é arriscar tornar a psicanálise efetivamente obsoleta (p. 158).

REFERÊNCIAS

- Balint, M. (1967). As experiências técnicas de Sándor Ferenczi: perspectivas para uma evolução futura. In: Ferenczi, S. Obras Completas: Psicanálise IV (pp. XVII-XXV). São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Bokanowski, T. (2000). Sándor Ferenczi. (Coleção Psicanálise de Hoje). São Paulo: Via Lettera. Cromberg, R. U. (2004). Cena Incestuosa: abuso e violência sexual. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferenczi, S. (2011). Confusão de Língua entre os Adultos e a Criança (A linguagem da ternura e da paixão). In Obras Completas: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933[1932]).
- Ferenczi, S. (2011). O problema do fim da análise. In Obras Completas: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1928[1927]).
- Ferenczi, S. (2011). Princípio de relaxamento e neocatarse. In Obras Completas: Psicanálise IV. São Paulo:

- Martins Fontes. (Original publicado em 1930[1929]).
- Ferenczi, S. (2011). Reflexões sobre o trauma. In Obras Completas: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934[1931-1932]).
- Figueiredo, L. C. (2003). Psicanálise: Elementos para a clínica contemporânea. São Paulo: Escuta.
- França C. P. (2010). Os desígnios do Édipo consumado. In C. P. França (org.), Perversão: as engrenagens da violência sexual infantojuvenil. Rio de Janeiro: Imago.
- Fuks, L. B. (2006). Consequências do abuso sexual infantil. *Percurso*, São Paulo, 36, 41-52.
- Kahtuni, H. C. & Sanches, G. P. (2009). Dicionário sobre o pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea. Rio de Janeiro: Campus.
- Kaufmann, P. (Org.) (1996). Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Kupermann, D. (2008). Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kupermann, D. (2009). Introjeção, corpo erógeno e simbolização. *Memória da psicanálise: Ferenczi, a ética do cuidado*, São Paulo: Duetto, 3, 31-35.
- Laplanche, J. & Pontalis, J-B. (1975). Vocabulário da psicanálise. 2ª ed. Santos: Martins Fontes.
- Mendes, A. P. (2011). A identificação com o agressor: interfaces conceituais e suas implicações para o estudo da violência sexual infantil. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Pinheiro, T. (1995). Ferenczi: do grito à palavra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ. Uchitel, M. (2001). *Neurose traumática*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Endereço para correspondência

Anna Paula Njaime Mendes

Av. Augusto de Lima, 444/apto 506 - Centro CEP 30190-001, Belo Horizonte-MG, Brasil

E-mail: annanjm@gmail.com

Departamento de Psicologia - Universidade Estadual de Maringá Av. Colombo, 5790
87020-900 Maringá PR Brasil Tel./Fax: +55 44 3011-4502

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722012000100014&script=sci_arttext

Recebido em 30/10/2011 - Aceito em 01/05/2012

Instituto de Desarrollo Psicológico. INDEPSI. LTDA.

ALSF-CHILE